

# RESILIÊNCIA E DOCÊNCIA: ASPECTOS FRENTE AO CONTEXTO DE PANDEMIA

VIEIRA, Jorge de Oliveira<sup>1</sup>

## RESUMO

O objetivo desse artigo é verificar como o docente pode auxiliar no desenvolvimento da resiliência frente a retomada das aulas no contexto de uma pandemia. Visto que no ano de 2020 a humanidade foi surpreendida pela pandemia do novo Coronavírus, cuja doença, a Covid-19, vitimou milhões de pessoas no mundo todo, a retomada gradual das atividades foi um imperativo que demandava, em muitos casos, um comportamento resiliente. No contexto brasileiro, a possibilidade de retorno às aulas, sobretudo na rede de ensino do Estado de São Paulo, epicentro dos casos da doença no Brasil, trouxe uma série de incertezas para pais, alunos, professores, gestores e comunidade em geral. Compreende-se que aspectos subjetivos impactam na forma como o sujeito interpreta e dá sentido aos eventos e ambientes, significando-os como fatores de risco ou de proteção. Sendo o docente a pessoa que irá ter contato direto e constante com os alunos, ele poderá influenciar na forma como os alunos percebem o ambiente escolar no contexto de uma pandemia. Para este estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas Scielo, Google Scholar, BVS, OMS, Ministério da Saúde, durante o mês de julho a novembro de 2020. As pesquisas apontam que os alunos podem interpretar a escola como fator de risco ou de proteção, mas, dependendo da forma como o professor age no ambiente escolar, se possui características resilientes ele pode influenciar seus alunos a desenvolverem a resiliência e considerarem a escola um fator de proteção. Conclui-se que é importante haver políticas públicas e programas de formação que incluam o desenvolvimento da resiliência aos docentes, principalmente, da rede pública de ensino, uma vez que, além das adversidades oriundas do contexto da pandemias, estes precisam lidar com outras variáveis presentes no ambiente escolar, que impactam no seu fazer pedagógico e que influenciam os alunos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Resiliência. Professor-Aluno. Coronavírus. Escola. Pandemia.

## 1 INTRODUÇÃO

Em 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) declarou a pandemia de Covid-19, doença causada pelo Sars-Cov-2, popularmente conhecida como Coronavírus. O estado de pandemia não era apenas pela gravidade da doença, mas pela rápida disseminação do vírus entre humanos, a inexistência de uma

---

<sup>1</sup>Psicólogo, Mestre em Educação pela PUCSP, professor nos cursos de graduação em Gestão de Recursos Humanos, Pedagogia e Psicologia da UniPaulistana: jorge.vieira@unipaulistana.edu.br; psico.jorge@hotmail.com

vacina ou mesmo tratamento comprovadamente eficaz que pudesse combater seus efeitos<sup>2</sup>.

Segundo dados da OMS<sup>3</sup>, até novembro de 2020, mais de 60 milhões de pessoas foram diagnosticadas com Covid-19 e aproximadamente 1,5 milhão de mortes ocorreram no mundo em decorrência da doença. O Ministério da Saúde do Brasil registrou nesse período mais de 6 milhões de casos e 171 mil óbitos<sup>4</sup>. O Estado com maior número de registros era São Paulo com 1,2 milhão de casos e 41 mil óbitos<sup>5</sup>. Em meados de março de 2020, autoridades do Estado e do Município decidiram seguir as orientações da OMS e várias atividades, incluindo as aulas, ficaram suspensas, o chamado “isolamento social”.

Em junho de 2020, São Paulo começou um processo de reabertura gradual atendendo aos protocolos de saúde. Segundo orientações do Centro de Contingências do Estado<sup>5</sup>, foram adotados critérios e fases para esse procedimento. Uma das últimas instituições a serem reabertas seriam as escolas. Mediante o avanço da doença e a ausência de uma vacina comprovadamente eficaz a comunidade escolar passou a questionar a reabertura das escolas e qual seria o real impacto para a saúde das pessoas, pois, a retomada das aulas poderia ser um fator de risco.

Lobato e Serrão (2017), Freire e Peralta (2015), Angst e Amorim (2011), Libório (2009), Euzébios Filho e Guzzo (2006), apontam que o ambiente escolar pode ser interpretado como um fator de risco ou de proteção, dependendo da forma como as pessoas percebem o ambiente escolar e o evento estressor, no caso, o novo Coronavírus.

Pensando em contribuir com o debate, o Centro Universitário Paulistano – UniPaulistana – realizou em julho de 2020 uma *live*<sup>6</sup> com a presença das professoras Esp. Andrea Ferreira de Almeida, Ma. Genize Molina Zilio Barros, Dra. Giselle Madureira Bueno, Dra. Pamela Buzanello Figueiredo e o prof. Me.

---

<sup>2</sup>Para mais detalhes referentes ao Coronavírus acesse:

[https://www.paho.org/bra/index.php?option=com\\_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812](https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-como-pandemia&Itemid=812)

<sup>3</sup>Para verificar a evolução dos casos de Covid-19 acesse: <https://www.paho.org/pt/covid19>

<sup>4</sup>Para verificar a evolução da Covid-19 no Brasil acesse: <https://covid.saude.gov.br/>

<sup>5</sup> Para verificar a evolução da Covid-19 em São Paulo acesse: <https://www.saopaulo.sp.gov.br/coronavirus/>

<sup>6</sup> Para mais informações da *live* UniPaulistana acesse: <https://www.unipaulistana.edu.br/noticias/uplive-de-pedagogia-abriu-ontem-a-serie-de-lives-da-unipaulistana>

Jorge de Oliveira Vieira, tendo como foco o tema da resiliência e o possível retorno às aulas.

A participação nessa *live* estimulou a elaboração deste estudo, cujo objetivo é verificar como o docente pode auxiliar no desenvolvimento da resiliência dos discentes frente a retomada das aulas no contexto de uma pandemia. Os objetivos específicos são conceituar resiliência; conceituar fatores de risco e de proteção; e descrever como o professor pode contribuir para o desenvolvimento do comportamento resiliente.

Para isso, optou-se por um levantamento bibliográfico nas bases de dados eletrônicas Scielo, Google Scholar, BVS, OMS, Ministério da Saúde e da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo, no período entre julho e novembro de 2020, utilizando como descritores: resiliência, educação, pandemia, competências socioemocionais, escola e docência. A pesquisa pretendia identificar produções nacionais que abordassem o tema da resiliência com foco na educação. Compreende-se que isso poderia trazer como resultado produções que descrevessem com maior fidelidade a realidade da educação brasileira em um momento de pandemia, articulando-a com a resiliência.

## 2 RESILIÊNCIA

A resiliência é uma competência socioemocional de grande importância para o enfrentamento de situações estressantes em qualquer aspecto da vida. Resiliência, do latim *resiliens*, tem sentido de saltar, voltar. Etimologicamente a palavra provém de *re+salio* “ser elástico” (FREIRE e PERALTA, 2015).

O conceito de resiliência provém da Física, referindo-se “à capacidade de um material absorver energia sem sofrer deformação”. Na psicologia, trata-se da habilidade de “aprender, crescer, desenvolver e amadurecer”. O conceito de resiliência não é definitivo, pois pode significar enfrentamento de situações adversas, de maneira dinâmica incluindo a articulação entre processos sociais e psíquicos, envolvendo fatores de risco e de proteção (LOBATO e SERRÃO, 2017, p. 12366).

Segundo Freire e Peralta (2015) a resiliência se dá em razão da relação social e psicológica, contudo, as autoras afirmam que o comportamento resiliente não é inato nem adquirido de forma natural, tampouco igual para todos,

sendo resultado das iterações entre seres humanos, expressando-se frente a fatores de risco.

Mota *et al* (2006, *apud* ANGST e AMORIM, 2011, p. 5612) definem resiliência como “uma capacidade universal que possibilita a pessoa, grupo ou comunidade prevenir, minimizar ou superar os efeitos nocivos das adversidades, inclusive saindo dessas situações fortalecidas ou até mesmo transformada, porém não ilesa”.

Libório (2009, p. 2) aponta que “a resiliência assume um caráter processual, dinâmico e relativo”. A resiliência demanda a observação dos componentes históricos, culturais e sociais de cada sujeito, em relação às adaptações bem sucedidas de enfrentamento a condições estressantes.

Para a ativação do comportamento resiliente é necessário que o sujeito esteja vivenciando um evento que pode ser compreendido como um fator de risco. Por outro lado, a presença de fatores de proteção são complementos fundamentais para que o indivíduo possa ter experiências que estimulem a sua capacidade de resiliência.

### **3 FATORES DE RISCO E DE PROTEÇÃO**

A presença de fatores de risco e proteção é condição para o surgimento do comportamento resiliente, porém, há aspectos subjetivos relacionados ao significado do que é um ou outro, sendo que, para isso, questões inerentes ao histórico de vida de cada pessoa determinam o que pode ser considerado como risco ou proteção. Ainda não existem modelos matemáticos que permitam calcular um limiar ou magnitude de eventos aversivos necessários para que o comportamento resiliente se manifeste. Isso reforça a tese de que a resiliência não é inata, além de corroborar com o entendimento de que as relações do sujeito com o ambiente e sua história de vida são variáveis que impactam no que vai ser considerado como um evento adverso ou uma proteção adequada.

### 3.1 Fatores de Risco

Poletto e Koller (*apud* FREIRE e PERALTA, 2015) definem os fatores de risco como eventos ocorridos em um dado contexto que, segundo a interpretação de quem os enfrenta, pode gerar danos à sua saúde física, psicológica ou social.

Dito de outra forma, frente a um determinado evento desagradável ou perigoso, a pessoa interpreta estar fragilizada, pois o evento seria um risco eminente para sua integridade física, psíquica, profissional, cognitiva, afetiva, emocional e social, cujas consequências poderiam ser efetivamente danosas ou insuportáveis.

O contexto da pandemia seria um exemplo, já que a existência de um vírus de semelhante gravidade sem tratamento ou vacina para combatê-lo, poderia ser interpretado como um fator de risco, conduzindo a maior aderência às orientações da OMS no combate ao vírus. Contudo, registrou-se ações contrárias, tanto do reducionismo dos efeitos do Coronavírus, quanto da negação às recomendações da OMS, ou seja, muitos não identificavam a pandemia como um fator de risco. A ameaça do desemprego, de perdas econômicas, de vivenciar a fome ou não arcar com as despesas da casa, poderiam ser consideradas para alguns um fator de risco mais elevado do que o próprio Coronavírus<sup>7</sup>.

O que se pretende demonstrar é que a interpretação de um risco eminente e que pode causar danos, está relacionado ao contexto histórico e a realidade individual de cada sujeito. Para alguns a possibilidade de infecção pelo vírus era o principal fator de risco, para outros, os possíveis subprodutos desse contexto eram mais aversivos e estressantes.

### 3.2 Fatores de Proteção

Freire e Peralta (2015) definem os fatores de proteção como atenuantes dos fatores de risco, interpretado, segundo o indivíduo, como resguardo à sua integridade física, psicológica ou social. Para isso, o sujeito identifica elementos que podem ser considerados de proteção, destacando-se: **(a)** as próprias

---

<sup>7</sup> Para mais informações acesse: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2020/03/por-que-salvar-vidas-ou-a-economia-na-crise-do-coronavirus-e-um-falso-dilema.shtml>

características pessoais como a autoestima, a competência social, a capacidade cognitiva para a resolução de problemas e a tomada de decisão; **(b)** apoio afetivo existente e sentido dentro da família; e, **(c)** suporte social externo proveniente de figuras consideradas significativas pela pessoa.

Como exemplo, no enfrentamento ao novo Coronavírus e as consequências advindas dessa situação, muitas pessoas precisaram se “reinventar”. A adaptabilidade e a resiliência passaram a ser características mais significativas no processo de seleção pessoal das empresas<sup>8</sup>. Tais capacidades compõem o critério “a” mencionado acima, sendo uma das características para o desenvolvimento do fator de proteção, uma vez que, na teoria, o sujeito se sentiria mais “preparado” para enfrentar os efeitos da pandemia.

Os fatores de proteção fazem parte do constructo da resiliência. Pessoas com senso de autoeficácia mais elevado, mais estímulos cognitivos para uma decisão rápida e elaboração de estratégias, significativo apoio familiar e do seu contexto social, podem ter vivenciado a pandemia do novo Coronavírus como uma oportunidade de se reinventar pessoal e profissionalmente, buscar novas formas de superar a crise e enfrentar as condições adversas.

Isso não significaria ignorar o vírus, diminuir ou negar os impactos da pandemia, mas, mesmo reconhecendo os riscos provenientes nesse contexto, identificar em si ou nos outros a proteção, se torna condição para que o comportamento resiliente se manifestasse. O resiliente não escamoteia o risco, mas age de forma assertiva e adaptativa apesar dele.

A interpretação de um fator como sendo de risco ou de proteção, depende da dinâmica e contexto, não sendo condição categórica, uma vez que eles se articulam um no outro, relacionam-se, contradizem-se e modificam-se, principalmente em uma dada situação e ambiente (FREIRE e PERALTA, 2015).

Entre os ambientes sociais em que as pessoas convivem está o ambiente escolar, o qual, também é significado de diferentes formas sendo este, um local onde a resiliência de gestores, professores, colaboradores, alunos, pais e comunidade pode se manifestar.

---

<sup>8</sup> Para mais informações acesse: <https://www.estadao.com.br/infograficos/economia,na-pandemia-habilidades-comportamentais-passam-a-ser-ainda-mais-valorizadas-por-empresas,1105194>

#### 4 A RESILIÊNCIA NO AMBIENTE ESCOLAR

Euzébios Filho e Guzzo (2006) apontam que há quem interprete o ambiente escolar como um fator de risco, por identificar ou viver neste ambiente a violência (críticas ou castigos excessivos, racismo, *bullying*), a reprovação, ou até a sensação de fracasso, gerando ansiedade depressão.

Por outro lado, Angst e Amorim (2011) mencionam que o ambiente escolar pode ser interpretado como um fator de proteção, por vários motivos, não só a possibilidade de produção do conhecimento, mas também de acolhimento, da criação de laços afetivos, ampliação das relações sociais, dos incentivos pessoais, da sensação de bem-estar, qualidade de vida, ou por ser o único local para uma alimentação adequada.

Libório (2009) discute que os fatores de risco e de proteção são constituintes que se inserem na elaboração de comportamentos resilientes de muitos alunos, uma vez que eles passam a interpretar o ambiente escolar de uma forma ou de outra, em decorrência do grau de suas relações interpessoais com seus colegas e os colaboradores da escola.

A infraestrutura, a qualidade do ensino, o nível de satisfação dos alunos em relação à escola e as perspectivas que ela projeta nos discentes também são variáveis que constituem a percepção dos alunos a considerarem a escola como fator de risco ou de proteção. Não obstante, a confiança dos alunos na equipe escolar, torna-se um diferencial na significação da escola como fator de proteção. Os docentes ocupam posição privilegiada nessa relação, sobretudo por sua proximidade e afetividade com os alunos. Além disso, professores com comportamentos resilientes tornam-se referência para os discentes (LIBÓRIO, 2009).

Ao ser uma figura estimada pelos alunos, acolhedora, que oferece apoio afetivo e suporte social a eles, que apresente características resilientes como autoestima, competência social, capacidade cognitiva para a resolução de problemas para a tomada de decisão; o professor passa a ser interpretado como um modelo a ser seguido. Ciente desta condição, o docente pode se tornar um potencial desenvolvedor de resiliência entre os alunos. Angst e Amorim (2011) apontam que alunos resilientes afirmam ter identificado modelos de resiliência em seus professores.

Lobato e Serrão (2017) usam a expressão “o outro significativo” para se referir à figura do professor, quando o aluno se dirige a este em busca de um fator de proteção, resultado de uma composição relacional entre aluno-professor, o qual passa a agir como estímulo ao processo de resiliência. Quanto mais fatores de proteção forem identificados pelos alunos, menos vulneráveis eles são no enfrentamento de condições adversas. Professores atentos, observadores, comunicativos e realmente preocupados em compreender e dialogar com os alunos, são interpretados como “o outro significativo” pelos alunos.

Fajardo, Minayo e Moreira (2010) descreveram que: a comunicação com os outros; a capacidade de assumir a responsabilidade pela própria vida; a consciência limpa, ou seja, não se culpabilizar, reconhecendo os erros; ter convicções éticas e morais; e ter compaixão, isto é, envolver-se de forma assertiva e afirmativa na relação com o outro; são características de um docente resiliente.

Em complemento, Angst e Amorim (2011) apontam que o professor resiliente é capaz de mostrar aos seus alunos formas efetivas de enfrentamento aos fatores de risco, age de maneira assertiva em resposta aos comportamentos violentos, é afetivo com os alunos, demonstra relação afirmativa com seus pares, administra de forma eficaz e eficiente a carga de trabalho, além de ter comportamento adaptativo, flexível e criativo.

Assim, o professor contribuiria na transformação do ambiente escolar em um fator de proteção capaz de desenvolver comportamentos resilientes no aluno. Se este amparo socioemocional estiver em consonância com as características pessoais de resiliência do professor, somado a um ensino de qualidade e de satisfação do aluno quanto a escola, a equação que conduz o ambiente escolar a tornar-se um fator de proteção estará ainda mais fortalecida. A escola é um ambiente que se usado de forma assertiva e eficaz, reconhecendo e buscando solucionar os fatores de risco nela encontrados, irá se constituir em ambiente promotor da resiliência (LOBATO e SERRÃO, 2017).

O retorno às aulas pode trazer de forma implícita uma sensação de risco, em detrimento aos protocolos de segurança adotados pelas escolas. Conviver em um ambiente constantemente associado ao perigo, além do risco de contaminação, pode conduzir a um rendimento escolar prejudicado. Além disso,

os efeitos da pandemia e as alterações oriundas do distanciamento social, poderia impactar para o comportamento resiliente, como a ausência de figuras de afeto representadas por professores ou colegas que não estariam mais presentes.

Angst e Amorim (2011) afirmam que o professor resiliente é capaz de averiguar o que está adequado no ambiente, podendo estimular e utilizar as capacidades de seus alunos para o enfrentamento dos fatores de risco no ambiente escolar. Por isso, expandir o comportamento resiliente entre professores é de grande importância no ambiente escolar, pois, o docente resiliente é uma variável significativa para o desenvolvimento da resiliência em alunos no contexto da pandemia, contribuindo para que a escola seja novamente compreendida como uma rede de apoio e fator de proteção.

## **5 CONCLUSÃO**

Situações adversas são consideradas fatores de risco e a pandemia de 2020 é um exemplo. O contexto do novo Coronavírus afetou inúmeras pessoas em diferentes graus, exigindo de muitos comportamentos socioemocionais como a resiliência. A resiliência não é uma condição inata no ser humano, mas pode ser desenvolvida. Ela é definida como a capacidade do sujeito absorver os efeitos de um dado evento adverso, e após o enfrentamento da condição estressante, retornar ao seu estado emocional anterior.

Para ser resiliente, a pessoa precisa apresentar algumas características como a autoestima, a competência social, a capacidade cognitiva para a resolução de problemas e a tomada de decisão; mas, também, identificar em seu contexto e história de vida o apoio afetivo existente e sentido dentro da família, do suporte social externo proveniente de figuras consideradas significativas pela pessoa o que é chamado de fator de proteção.

A figura do docente pode ser interpretada desta forma. Se ele for resiliente, saberá utilizar suas habilidades para desenvolver em seus alunos habilidade similar. Para isso, o professor também precisa reconhecer em si e em sua estrutura social fatores de proteção. O docente pode auxiliar no desenvolvimento da resiliência dos discentes frente a retomada das aulas no contexto de uma pandemia, sendo comunicativo, acolhedor, afetivo, observador,

empático, para então elaborar formas de trazer informações corretas e assertivas do contexto vivido.

A resiliência estimulada e desenvolvida pelo “outro significativo”, na figura do professor, não é uma competência exclusiva para tornar o ambiente escolar um fator de proteção, mas uma habilidade de significativa relevância para a vida.

Torna-se fundamental que novas pesquisas relacionadas à resiliência no ambiente escolar possam ser desenvolvidas, para que intervenções mais elaboradas e planejadas auxiliem no desenvolvimento da resiliência o que impactará no convívio mais harmonioso em sociedade e de ações mais assertivas e eficientes das situações adversas.

Por isso, sugere-se que as políticas públicas prevejam cursos de capacitação para que a resiliência seja desenvolvida entre profissionais de educação e que desta forma possam difundir o comportamento resiliente entre alunos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGST, R.; AMORIM, C. Resiliência em acadêmicos de pedagogia. *In* Congresso Nacional de Educação – Educere, 10., 2011, Curitiba. **Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE 1**. Curitiba: PUCPR, Nov., 2011. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4315\\_3056.pdf](https://educere.bruc.com.br/CD2011/pdf/4315_3056.pdf). Acesso em: 02 jul. 2020.

EUZEBIOS FILHO, A.; GUZZO, R. S. L. Fatores de risco e de proteção: percepção de crianças e adolescentes. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 2, p. 125-141, dez. 2006. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2006000200003&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2006000200003&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 01 jul. 2020.

FAJARDO, I. N.; MINAYO, M. C. S.; MOREIRA, C. O. F. Educação escolar e resiliência: política de educação e a prática docente em meios adversos. **Ensaio: aval. pol. públ. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 69, p. 761-774, out./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/ensaio/v18n69/v18n69a06.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

FREIRE, J. F. C.; PERALTA, T. P. Resiliência no contexto escolar: significações dos sujeitos da aprendizagem. *In* Congresso Nacional de Educação – **Educere**, 12., 2015, Curitiba. PUCPR, 2015. Disponível em:

[https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21999\\_9961.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2015/21999_9961.pdf) Acessado em: 01 jul. 2020.

LIBÓRIO, R. M. C. Escola: risco, proteção e processos de resiliência durante a adolescência. *In* Reunião Anual da **ANPED**, 32., 2009, Caxambu. GT 20 Psicologia da Educação, Caxambu, Out. 2009. Disponível em: <http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT20-5283--Int.pdf>. Acesso em: 02 jul. 2020.

LOBATO, S. P.; SERRÃO, M. C. Resiliência: Um estudo sobre os fatores de risco e proteção no contexto da escola. *In* Congresso Nacional de Educação, 13., 2017, Ribeirão Preto. **Seminário Inter. de Representações Sociais, Subjetividade e Educação – SIRSSE**, 4. Seminário Internacional Profissionalização Docente (Cátedra Unesco), 6, USP, Ribeirão Preto, Ago. 2017. Disponível em: [https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23996\\_12489.pdf](https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2017/23996_12489.pdf). Acesso em: 03 jul. 2020.